

ENTRE O HORROR DO SILÊNCIO E O GOZO DA INVASÃO: QUANDO O FEMININO SUBJETIVA O TRAUMA

Thyanne Guilherme Calixto; Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba
thatygc@hotmail.com
hermanorg@gmail.com

Resumo

Decifrar a si mesmo pode se constituir em caminhos jamais percorridos por outrem, no interior de corpos aprisionados, desejos emudecidos e revestidos em fantasias. O conto “O besouro e a Rosa” retrata o despertar da jovem Rosa, conhecida por sua pureza e infantilidade, a qual não havia manifestado curiosidade ou desejos que a censura e a moral proibem ser exprimidos, ou melhor, até a chegada do besouro. Neste sentido, trata-se, então, do reconhecimento de si, do conhecimento do corpo, do sexo e suas potencialidades, ampliadas a partir das dimensões da sexualidade, que aspira o prazer, estranho a tal modo, como se fosse um desconhecido em “nós”. O corpo, este que possui desejos, dos mais primitivos aos corruptos, que crescem ao olhar do outro, delineando e constituindo a sexualidade do “corpo que é meu”, é sobre este, que se pretende discorrer neste trabalho. Para isso, optou-se, como caminho metodológico, a revisão bibliográfica acerca do corpo e suas vicissitudes, ora desconhecido, ora descoberto. Unido a isto, fez-se uma análise desses aspectos no Conto *O Besouro e a Rosa*, do autor Mário de Andrade (2013). Logo, nota-se que a personagem Rosa, ao descobrir seu sexo e sexualidade e, conseqüentemente, o prazer, inicia uma intensa busca de volta as sensações antes adormecidas que ganham nome e lugar. Assim, não mais conhecida por sua pureza, alimentava fantasias noturnas que deixava o interior de seu sexo em chamas, incendiando um corpo não mais desconhecido e, sim, um corpo erótico. Além disso, observou-se o lugar de destaque do corpo da personagem, sendo minuciosamente detalhado em traços e sensações libidinosas.

Palavras-chave: Corpo feminino, erotismo, literatura.

Introdução

Quem é a Rosa no Conto de Mário de Andrade? Ah... Rosa... tão menina na personalidade, tão mulher nas curvas do corpo, atinge os dezoito anos e não o sabes que o fez, possui uma vulva e não a conhece, possui clitóris e não o estimula. Como haveria de saber? Que corpo é este desconhecido ao toque? Qual mistério guarda esse corpo? Como alcançar o gozo? Como (des)velar os prazeres contidos no sexo? Na genitália? Questões essas que constituíram as indagações iniciais acerca da temática tratada e que foram indagadas conforme as reflexões suscitadas.

Para discorrer sobre o corpo, é necessário compreender que este surge em várias dimensões humana, a exemplo: na dor, na linguagem, no outro e no sonho. Dessa forma, nos interessa perceber

qual o lugar que o corpo feminino ocupa na literatura, como são retratados e em que momento se leva em consideração os desejos femininos e suas fantasias.

Assim, a todas as Rosas, aos corpos (des)conhecidos e (re)velados dedica-se essa pesquisa, que se propõe a discorrer sobre os caminhos percorridos na busca do gozo e dos aspectos que constituem a sexualidade feminina na literatura brasileira, a partir do conto de Mário de Andrade.

Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se em uma pesquisa concluída, de caráter bibliográfico, utilizando autores(as) que se propõem a refletir sobre as dimensões do corpo e prazeres femininos e, assim, a partir do conto “*O Besouro e a Rosa*” do autor Mário de Andrade (2013), analisar **corpo, sexo e sexualidade** da personagem Rosa, envolta em erotismos e fantasias.

Na escolha do procedimento da pesquisa, optou-se pela pesquisa bibliográfica, que segundo Prodanov (2013) consiste em um conjunto de materiais já publicado (livros, artigos de periódicos, etc.) sobre o assunto pesquisado, colocando o (a) pesquisador (a) em contato direto com o objeto.

Resultados e Discussão

Os estudos sobre o corpo se debruçam sobre variados ângulos, por essa razão, os resultados e discussões estão ancorados em uma cuidadosa revisão acerca dos caminhos que a personagem Rosa percorreu no conhecimento de si e dos prazeres condidos da carne. A princípio, apresento-lhes Rosa: “Dez anos, quatorze anos, quinze... Afinal dezoito em maio passado. Porém Rosa continuava com sete, pelo menos no que faz a alma da gente. [...] a mocidade dela se desenvolvera só no corpo” (ANDRADE, 2013, p. 16).

Tudo começa no imaginário, momento primitivo, arcaico, que compõe as imagens e discursos externos que cobrem o corpo, como uma roupagem, projetado através do olhar do outro e das simbolizações que nutre o imaginário, permitindo a mediar a fantasia da realidade (WINOGRAD, 2016). Tal qual, a personagem Rosa, que apesar da idade e das transformações corporais se vê ainda menina, revestida em uma fantasia como se não houvesse outra vida, como ressalta o conto no trecho abaixo:

E no quarto afagava com a mesma ignorância de mãe de brinquedo a mesma boneca, faz quanto nem sei! Ihe dera dona Carlotinha no intuito de se mostrar simpática. Parece incrível, não? porém nosso mundo está cheio desses incríveis: Rosa mocetona já, era infantil e de pureza infantil. Que as purezas como as morais são muitas e diferentes... Mudam com os tempos e com a idade da gente... Não devia ser assim, porém é assim, e não temos que discutir. Mas com dezoito anos em 1923, Rosa possuía a pureza das crianças dali... (ANDRADE, 2013, p. 16)

Tendo em vista que Rosa fora criada, desde a infância por Dona Carlotinha e Dona Ana, a constituição psíquica de Rosa pode ter sofrido com a ausência de uma mãe, “da mãe idealizada”, assim como da figura paterna, que também lhe foi negada. McDougall (2001, p. 16) afirma que

A criança destinada à vulnerabilidade psicossomática conduz-nos, com frequência, à cena psicanalítica das lembranças de uma autonomia precoce, com uma objetivação prematura dos primeiros objetos. Quando a mãe não é introjetada, como meio, então confundindo com a criança – ou seja, ela atinge muito depressa o estatuto de objeto inteiro –, a sua representação internalizada torna-se, de facto, ideal e onipotente.

Aspectos esses – apresentados no trecho acima – que podem constituir-se na representação da mãe ideal projetada por Rosa, resultando em sua sequência de comportamentos infantis, de um corpo que reclama sentido a partir da dificuldade do ‘dizer’. Assim, a ausência dessa mãe pode ter resultado nas experiências de Rosa, que se constituíram na infantilidade estendida, influenciando, sobretudo, na sexualidade do próprio corpo. De acordo com Fernandes (2005, p. 21)

A ausência da mãe tem para o bebê um efeito traumático justamente por representar a ausência desse escudo protetor, dessa paraexcitação, que o protege também dele mesmo, ou seja, das sensações que vêm do interior de seu próprio corpo. Então, com o intuito de produzir aqui uma primeira precisão no nosso argumento, é novamente com Freud que poderíamos continuar dizendo ainda que o corpo começa no outro.

Além disso, uma vez que a linguagem atravessa esse corpo, que se constitui como um corpo simbólico e expressivo, Ribeiro e Miranda (2016, p. 179) afirmam que

Desde o princípio, o corpo biológico é o primeiro lugar onde se colocam as inscrições simbólicas, onde se depositam as palavras vindas do Outro e que vão nos esculpindo, nos dando a forma que pensamos ter. O primeiro corpo, o verdadeiro corpo, nos é dado pela linguagem, logo, se podemos dizer “esse corpo é meu”, é porque foi a linguagem que o deu a mim, ou, ainda, que é desse dito que o corpo se constitui como fato.

Neste caminho, em relação ao corpo, segundo Maria Helena Fernandes “Há de se reconhecer, então, que falar do corpo supõe defrontar-se com vários corpos: o corpo biológico, o corpo filosófico, o corpo histórico, o corpo estético, o corpo religioso, o corpo social, o corpo antropológico e,

certamente, o corpo psicanalítico” (FERNANDES, 2005, p. 14), em que o corpo psicanalítico “obedece às leis do desejo inconsciente”.

Winograd (2016, p. 234) discorre sobre o corpo e como este se constitui, afirmando que

No caso dos homens, emergindo da natureza, é na cultura que o corpo se torna humano. Daí relação do homem com seu corpo ser absolutamente original, pois ele é o único animal capaz de representar seu próprio corpo do exterior, somente ele franqueia o estágio do espelho, apreendendo a si mesmo como um ser encarnado, identificando-se e reconhecendo-se nessa forma.

Assim, cada vez que se tenta buscar a linguagem uma representação, mas se afasta desse corpo. Nesta perspectiva, o corpo, tende a se ‘apagar’ para melhor ressignificar e significar, entretanto, nunca modifica sua real matéria. Em relação ao feminino, Alonso (2011) ressalta que discutir sobre o feminino na psicanálise envolve diversas questões, a exemplo as questões de gênero e processo de sexuação da mulher, bem como, possuindo a compreensão de que “os produtos culturais recebem a influência da psicanálise, dialogam com ela, ao mesmo tempo que a interrogam” (ALONSO, 2011, p. 298). Conforme a autora, Freud da visibilidade aos desejos do corpo feminino, confirmando o autoerotismo presente nas meninas, como expressa o trecho abaixo

Freud, no texto de 1933, remarca a força do pré-edípico na constituição da sexualidade da menina, afirmando que pulsões orais, sádicas e fálicas e suas correspondentes fantasias, povoam a relação com a mãe, relação sempre ambivalente e carregada de atividade e passividade – forte ligação que acabará em ódio, como consequência da insaciabilidade da libido, dos ciúmes, da proibição da masturbação e do complexo de castração. (ALONSO, 2011, p. 304)

Neste caminho, a autora traz alguns questionamentos relacionados ao mal estar contemporâneo – com base em Freud – e como isto influencia os corpos, como nas questões abaixo:

O que a clínica com meninas terá a nos dizer sobre a forma pela qual o desenvolvimento de sua sexualidade estará recebendo os efeitos da exibição permanente do corpo feminino? O que a clínica com adolescentes nos estará contando de como essa passagem se faz numa sociedade que passou pela revolução sexual, mas que mantém uma primazia das pautas fálicas? (ALONSO, 2011, p. 320)

Estas marcas atravessam a sexualidade feminina, e, conseqüentemente, o corpo que se vê diante de tantas faces.

Além disso, têm-se um corpo marcado pelas pulsões eróticas – energia entre o psíquico e o somático – que brota no sujeito para que brote um movimento no sujeito, visto no Conto quando o personagem João notou a mudança de Rosa, na cena abaixo:

Porém duma feita, quando embrulhava os pães na carrocinha, percebeu Rosa que voltava da venda. Esperou muito naturalmente, não era nenhum malcriado não. O sol dava de chapa no corpo que vinha vindo. Foi então que João pôs reparo na mudança de Rosa, estava outra. Inteiramente mulher com pernas bem delineadas e dois seios agudos se contando na lisura da blusa, que nem rubi de anel dentro da luva. (ANDRADE, 2013, p. 17)

Apesar das investidas do personagem João na esperança de casamento, Rosa recusava-se aos prantos, pois não desejara ‘nunca’ deixar as tias, isto é, até uma visita em seu quarto na calada da noite, como descrito abaixo

Um besouro entrou. Zzz, zzz, zzzuuuuuummmm, pá! Rosa dormida estremeceu à sensação daquelas pernas metálicas no colo. Abriu os olhos na escuridão. O besouro passeava lentamente. Encontrou o orifício da camisola e avançava pelo vale ardente entre morros [...]. Com o movimento, o besouro se despregara da epiderme lisa e tombara na barriga dela, zzz tzzz... tz. Afinal se emaranhou tzz-tzz, estava preso. Rosa estirava as pernas com endurecimentos de ataque. Rolava. Caiu. (ANDRADE, 2013, p. 19)

Assim, os desejos, evidenciados na personagem Rosa, fazem-na reconstituir a lembrança do Besouro em seu corpo e as sensações até então nunca sentidas. Tal visita, tirou-lhe o sono, despertando a personagem da fantasia até então vivenciada, em meio aos delírios causados pelas pernas metálicas do besouro, somente cessados com a chegada das tias que arrancaram-na das sensações provocadas pelo inseto. Nesta cena, Dona Ana e Dona Carlotinha encontraram Rosa no seguinte estado

Dona Ana e Dona Carlotinha vieram encontrá-la assim, espasmódica, com a espuma escorrendo do canto da boca. Olhos esgazeados relampejado que nem brasa. Mas como saber o que era! Rosa não falava, se contorcendo. Porém dona Ana orientada pelo gesto que a pobre repetia, descobriu o bicho. Arrancou-o com aspereza, aspereza para livrar depressa a moça. E foi uma dificuldade acalmá-la... Ia sossegando sossegando... de repente voltava tudo e era tal-e-qual ataque, atirava as cobertas rosnava, se contorcendo, olhos revirados, uhm... (ANDRADE, 2013, p. 19)

Entre a carne contorcida e os olhos revirados, deleitou-se no gozo, descobrindo, no interior da pele, o sexo e os prazeres contidos nele. Neste instante, viu-se incapaz de ser a mesma “pura e inocente”, tampouco, de viver sem deleitar-se em tal prazer. Toda a noite “Escancaradas a janela, entra com o peito na noite, desesperadamente temerária. Rosa espera o besouro” (ANDRADE, 2013, p. 20).

Freud, em seus estudos, da voz as mulheres no tocante a sexualidade, além da visibilidade aos desejos dos corpos femininos, reiterando a presença do autoerotismo nas meninas (ALONSO, 2011),

vivenciado pela personagem Rosa, à medida que volta o olhar para seu corpo e passa a senti-lo, iniciando uma relação de autoerotismo com o próprio corpo e de busca ao gozo.

Por outro lado, frustra-se ao se imaginar sozinha, sem um corpo para dividir o calor dos lençóis, como as donas Ana e Carlotinha, assim, passa a especular o silêncio dos homens diante sua solidão, seguindo em busca de alguém para suprir seus desejos e fantasias. Neste caminho, decide casar com o primeiro que surgir a sua frente, para sua infelicidade este homem é Pedro Mulatão, que segundo as informações das tias é “Vagabundo, chuva, mau-caráter, não serve não” (ANDRADE, 2013, p. 21), não se deixando contrariar, insistiu, chorou, bateu o pé e casou com o pretendente, em busca de reviver o gozo proporcionado pelo besouro.

Assim, enquanto o corpo biológico vai buscar atender as leis dos sistemas funcionais, o corpo psicanalítico busca atender os desejos inconscientes. No intuito de atender tais desejos, a personagem Rosa busca na corporeidade do outro, a fonte de prazer que vislumbra alçar, mas, que não alcança no parceiro. Rosa vê-se infeliz.

Conclusões

Com base na discussão e explanação acerca do corpo feminino no Conto “*O Besouro e a Rosa*”, evidenciou-se a reviravolta da personagem Rosa no tocante a sua sexualidade, que estava adormecida, infantilizada e, de repente, há a descoberta da sexualidade, do prazer, além da presença do autoerotismo. Notou-se também, até que ponto os desejos por conhecer a si, seu corpo e a sexualidade determinaram as atitudes e fantasias criadas pela personagem de Mário de Andrade, que segue em busca do gozo.

O gozo foi crucial na ‘transformação’ da personagem Rosa, que reviveu, desejou, esperou e buscou o retorno do besouro para invadir seu corpo, proporcionando os deleites de antes. Neste sentido, somando esses conhecimentos ao enredo da obra, o corpo surge em suas várias faces, estético à medida que ocorrem as mudanças nas curvas, erótico diante a descoberta da sexualidade, além da exploração das zonas erógenas, do prazer e da relação com o outro.

Com isso, não mais conhecida por sua pureza, a personagem Rosa alimentava fantasias noturnas que deixava o interior de seu sexo em chamas, incendiando um corpo não mais desconhecido e, sim, um corpo erótico. Por fim, percebe-se na narrativa o lugar de destaque dedicado a esse corpo,

que goza e vive em busca desse gozo, sendo minuciosamente detalhado nos traços, expressões, transformações e sensações de prazer.

Referências

ALONSO, Silvia Leonor. Interrogando o feminino. In: **O tempo, a escuta, o feminino**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

ANDRADE, Mário de. O Besouro e a Rosa. In: _____. **Os contos de Belazarte**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BORGES, Njaine Sherrine. **Metamorfose do Corpo: uma Pedagogia Freudiana**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

FERNANDES, Maria Helena. Onde começa o corpo? In: **REVISTA IDE – Corpo, mistério e ambiguidade**. Vol. 1, n. 1. São Paulo: SBPSP, 2005.

MCDUGALL, Joyce. Um corpo para dois. In: **Corpo e História**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RIBEIRO, M. A. C; MIRANDA, E. R. Corpo, Beleza e Angústia. In: NOVAES, Joana de Vilhena. VILHENA, Junia de. **Que corpo é esse que anda sempre comigo?: corpo, imagem e sofrimento psíquico**. Curitiba: Appris, 2016. p. 179-191.

WINOGRAD, Monah. Corpo: Natureza e expressão. In: NOVAES, Joana de Vilhena. VILHENA, Junia de. **Que corpo é esse que anda sempre comigo?: corpo, imagem e sofrimento psíquico**. Curitiba: Appris, 2016.